

Arte nas Ruas – Reportagem em Telejornalismo¹

Lara Berbes de FARIAS²

Suyanne Tolentino de SOUZA³

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR

RESUMO

A reportagem “Arte nas Ruas”, feita para a disciplina de Telejornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), sob a orientação da professora Suyanne Tolentino, mostra um pouco sobre grafite e pichação. A escolha do tema foi feita a partir da evidente observação de que há um grande número de muros pichados e grafitados por toda cidade e ambas as praticas são consideradas formas de expressão. Então partimos em busca de uma resposta para responder a recorrente pergunta “O que é arte e o que é vandalismo?”, já que este é um assunto que divide opiniões. A equipe conversou com grafiteiros e pichadores, mostrou o trabalho com o grafite e os riscos da pichação e ouviu autoridades e também um especialista em arte urbana.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Urbana; Grafite; PUCPR; Reportagem; Telejornalismo.

1 INTRODUÇÃO

Foi nos países da Europa, em 1960, que estudantes e outros grupos protestantes começaram a utilizar tinta em muros para expressar sua visão política e fazer propaganda contra as ditaduras, usando, por exemplo, frases inspiradas em gritos de guerra. "Os muros ficavam cobertos de pôsteres, as ruas, de folhetos e faixas, cartazes proliferavam em comícios e demonstrações" (Hollis, 2000,p.109). No Brasil o grafite iniciou como forma de publicidade e tudo isto começou a fazer parte da cultura e comunicação contemporânea, o levou o grupo a escolher o tema. A reportagem especial “Arte nas Ruas” foi produzida como atividade prática da disciplina de Telejornalismo, com a orientação da professora Suyanne Tolentino, do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo modalidade Reportagem em Telejornalismo (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: larinhaa22@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo email: suyanne.souza@pucpr.br.

2 OBJETIVO

A reportagem especial “Arte das Ruas” procura mostrar se há diferença entre o grafite e a pichação. Para parcela da população, ambas as práticas seriam iguais. Já outros enxergam o grafite como arte e o picho como crime. A equipe busca compreender de que forma os praticantes veem as suas próprias intervenções nos muros da cidade, colocando-as em contraponto com os pensamentos da sociedade em geral, mas sem utilizar conceitos já formados e pré-concebidos. “A História da Arte, portanto, simplesmente declarou tudo ser arte, a fim de trazer tudo para dentro do seu domínio” (BELTING, 1994, p.9).

3 JUSTIFICATIVA

Utilizar desenhos em paredes como meio de expressão é um método que vem desde a época das cavernas. Nos anos 1960 a prática é difundida como propaganda contra a ditadura, 20 anos depois começa a surgir o movimento hip-hop, com estilos de roupas novas, DJ’s e músicas que falam sobre o cotidiano do grupo, como o orgulho de ser negro e vir da periferia, “não é só música, é uma cultura de rua” (CARMO, 2003, p.176). O grafite também faz parte dessa cultura hip-hop, que teve início nas comunidades de Nova York, e servia para criar suas próprias caligrafias e identificar gangues.

Hoje, o grafite e a pichação são meios de intervenção da paisagem urbana. No Brasil, o grafite vem ganhando cada vez mais espaço, protegido por uma lei vigorada em 2011 que alterou o art. 65 da Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalização do ato de grafitar. Enquanto pichação é considerado crime, o grafite brasileiro ganha exposições em museus fora do país todo ano e produz artistas como Os Gemêos, nascidos em São Paulo e que são conhecidos internacionalmente por seus desenhos em grande escala. “A arte se ajustou ao enquadramento da história da arte tanto quanto esta se adequou a ela” (BELTING, 2006, p.8).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A equipe fez um revezamento de acordo com a disponibilidade de cada um, revezando desde o motorista até quem ficava responsável pela câmera, fazendo assim o trabalho do cinegrafista. “Com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as

coisas acontecem, a vida se transforma em notícia” (KOTSCHO, 2004, p. 12). Por tratar-se de uma reportagem jornalística, temos sequências de Passagens, Offs e Sonoras. As Passagens são feitas pelo repórter com o intuito de complementar informação ao telespectador sobre o assunto. Os textos em Off mostram as pinturas feitas por pichadores ou grafiteiros. Também optamos por diferenciar a linguagem audiovisual.

Na imagem abaixo, podemos observar o foco da câmera ajustado para o segundo plano, onde estão os desenhos do artista entrevistado, o que propõe que a arte seja mais importante que o artista. Isto reforça a ideia principal passada pelo próprio entrevistado, de que o reconhecimento buscado é pela sua arte, pelo seu desenho e suas cores.



Trazendo um flagrante da ação de um pichador, a utilização da imagem do ato em preto e branco passa, em um primeiro momento, tensão e sensação de perigo ao espectador. Em um segundo momento, esse método reforça a ideia de câmera escondida, do flagra e ratifica o perigo. Além destas impressões, o preto e branco também ajudam a situar o espectador quanto ao período do dia em que o ato foi gravado, à noite.



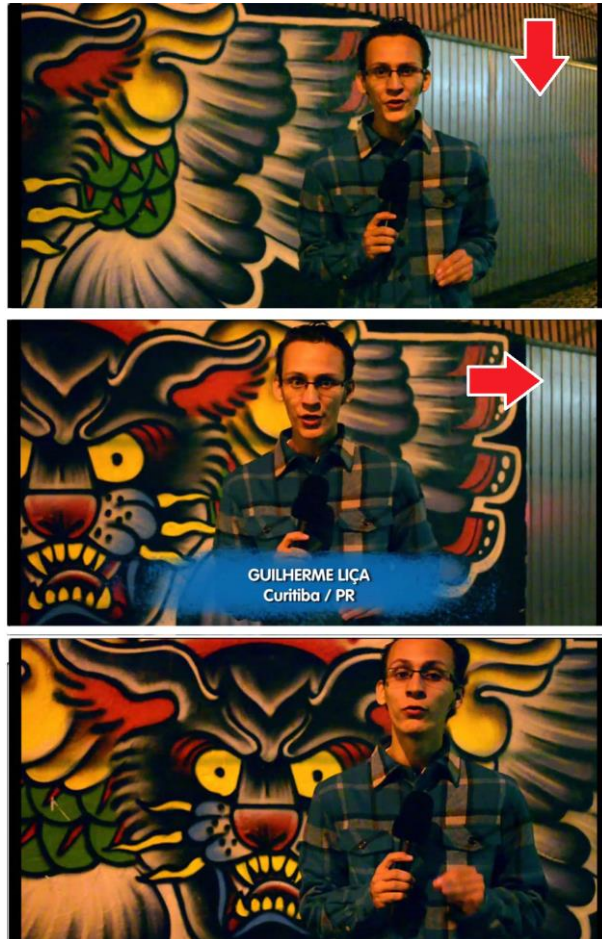
Outra sequência de imagens de um flagra é capturada com câmera solta, fato que fica evidente pela trepidação da filmagem. O motivo do equipamento ter sido utilizado de forma solta é, obviamente, a facilidade de manuseio, em um ato que necessitava agilidade e movimentação constante do repórter cinematográfico. A trepidação e o ângulo utilizados, como uma câmera subjetiva, também ajuda o espectador a transportar-se para o local do flagra, criando um elo entre ele e a reportagem.

Ainda em relação a entrevista com os pichadores flagrados pela nossa equipe, um tipo de filmagem escolhido pela reportagem foi de deixar os flagrados de costas para a câmera, em primeiro plano, enquanto a imagem do repórter fica em segundo plano e de frente para o repórter cinematográfico. Este tipo de ângulo, evidentemente, protege a identidade dos entrevistados em questão por serem menores de idade e estarem infringindo uma lei federal. A imagem em questão ajuda a manter o espectador tenso e prender a atenção dele na reportagem.

“A entrevista em televisão tem o poder de transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: a exposição da intimidade do entrevistado. Os gestos, o olhar, o tom de voz, o modo de se vestir, a mudança no semblante influenciam o telespectador e a própria ação do entrevistador, que ao adquirir experiência consegue tirar do entrevistado mais do que ele gostaria de dizer”. (BARBEIRO, 1946, p. 85).

A seguir, uma sequência de imagens retirada da primeira passagem com o repórter. A imagem permite um contraste entre um portão de ferro sem desenho e um muro pintado

por um grafiteiro. Isto traz ao espectador uma comparação estética e permite ao olho adaptar-se com mais facilidade ao local. Se a passagem iniciasse já fechada no muro, a composição da imagem, com variadas cores e formatos, traria certa poluição visual. Além da preocupação estética, o movimento traz maior dinamismo e ritmo à reportagem, quebrando uma sequência de entrevistas realizadas em plano fixo.



5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

“Arte nas Ruas” é uma reportagem jornalística, cuja escolha do tema surgiu da ideia inicial de querer mostrar como os pichadores arriscam-se para sair de noite e escalar prédios para deixar sua marca. Fazendo pesquisas bibliográficas, assistindo documentários e conversando sobre o assunto, a equipe de reportagem se deu conta de que era necessário abordar sobre o grafite e entender mais sobre os dois temas. Primeiro, fomos atrás de grafiteiros, conversamos com dois jovens: Caio Souza, de 17 anos e Robson Xavier de 23 anos. Ambos tinham largado a pichação, por ser muito arriscado e agora se dedicam ao grafite. Também fomos a um evento que estava sendo realizado no bairro Largo da Ordem,

em Curitiba, em que grafiteiros pintavam as fachadas dos comércios, um incentivo da Prefeitura da cidade para ajudar a diminuir a pichação no local. Conversamos com a grafiteira Paula Calory, estudante de artes plásticas, que nos contou que ainda há discriminação das pessoas em relação ao grafite. O artista Cleverson Pacheco, que também faz trabalhos sociais ensinando crianças da comunidade como se faz grafite, nos afirmou que grafite vem da pichação e uma coisa não vai acabar com a outra. Também encontramos dois meninos, menores de idade, que picham e os flagramos em uma de suas ações, que segundo eles, não tem hora para acontecer. Eles afirmaram ainda que tudo é uma questão de status. Além de conversamos com o professor universitário e especialista em arte urbana, Ângelo Silva; o Diretor da Guarda Municipal de Curitiba, Cláudio Frederico e comerciantes que têm ou tiveram seu imóvel pichado. A reportagem dura 5 minutos e 59 segundos, divididos com Passagem e com Sonoras que complementam os Off's.

6 CONSIDERAÇÕES

Este trabalho nos mostrou pontos de vista diferentes, tendo também como objetivo levantar discussões sobre pichação e grafite, o que é arte e o que pode deixar de ser, o que é forma de expressão e o que é vandalismo. Nos mostrou que a pichação veio do grafite, que uma coisa não vai acabar com a outra, elas andas juntas, porém quem picha pode abandonar essa vida fora da lei para seguir apenas com o grafite. Essa reportagem nos fez enxergar além da estética, ir a fundo na história, sentir a adrenalina de flagrar uma situação da qual não estamos acostumados e principalmente mostrar um fato sem discriminar um lado. Nossa conversar, as pessoas que entrevistamos só fez aumentar nosso repertório, aprender sobre uma outra cultura. Em se tratando de um produto jornalístico, o grupo acredita ter conseguido retratar o assunto de maneira informativa, apresentando o problema e gerando discussão a partir dele. Optou-se ainda por trabalhar aspectos estéticos para aproveitar as imagens captadas e narrar um fato de forma dinâmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAZIN, Germain. **História da história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DANTO, Arthur. **Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história.** São Paulo: Odysseus Editora/Edusp, 2006.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem.** São Paulo, Ed. Ática, 2004.